

Literatura das mulheres chicanas: as mediadoras das vozes chicanas contemporâneas: Cisneros, Chávez, Corpi e Grande

Renata Rezende Menezes

RESUMO: O objetivo deste artigo é discorrer sobre a literatura das mulheres chicanas, a qual teve sua emergência nos anos oitenta (século XX), e sobre as escritoras chicanas, que têm servido como mediadoras das vozes das chicanas, reverberando os acontecimentos sociopolíticos no cenário estadunidense e propiciando a quebra de muitos paradigmas, além do (re)conhecimento dos(as) chicanos(as), tanto perante à sua comunidade quanto à comunidade estadunidense dominante.

Palavras-chave: Literatura. Escritoras chicanas. Mediadoras. Cenário estadunidense.

ABSTRACT: The objective of this article is to discourse about chicanas' literature which had its emergency in the eighties (20th century), and about the chicanas writers who has served as mediators of the chicanas voices, reverberating the socialpolitical events in the American scenery and providing the break of many paradigms, besides the chicanos recognition not only before their community but also before the dominant American community.

Keywords: Literature. Chicana writers. Mediators. American scenery.

Introdução

Ao iniciarmos a discussão sobre a literatura dos (as) chicanos (as)¹, apesar de associarmos seu ponto alto com a efervescência do Movimento Chicano (luta pelos seus direitos civis entre os anos 1960 e 1970), durante o qual o ativismo dos mexicanos-estadunidenses contra as políticas de assimilação e sua necessidade de resistência e autoafirmação traduziram-se substancialmente em produções literárias engajadas, não devemos deixar de lado o fato de que, desde o século XIX, a escrita literária desse grupo já existia - não oficialmente, mas como precursora, abrindo caminhos a esses trabalhos que (re)nasceram e se firmaram no século XX, a fim de mediar o reconhecimento dos mexicanos-estadunidenses no território dos Estados Unidos.

¹O termo chicano refere-se aos indivíduos nascidos nos Estados Unidos, mas que apresentam ascendência mexicana, e aos mexicanos migrantes, que vivem nos Estados Unidos (não nascidos nesse território), considerados ou não cidadãos desse país. A denominação "chicana", ainda que não mais aceita por vários cidadãos e pesquisadores, os quais preferem optar por "mexicanos-americanos" ou "mexicanos-estadunidenses", é pertinente, visto que remete à história da luta pelo ganho de voz e de afirmação desses indivíduos na sociedade (estadunidense) dominante, refletindo os acontecimentos vivenciados por esses povos, desde o início do seu movimento de luta nos anos 1960 e o desenrolar de suas implicações até a era contemporânea.

As autoras de interesse neste trabalho são representativas da literatura das mulheres chicanas, que teve seu ápice nos anos 1980, trazendo suas questões em relação à cultura dominante e à sua própria cultura, possibilitando a essas mulheres, assim, sua audibilidade no panorama contemporâneo. Dessa forma, expressamos aqui a importância também de mencionarmos brevemente sobre a literatura dos chicanos como um todo, até chegarmos na literatura das mulheres chicanas e investigarmos a relevância da escrita dessas mulheres para seu reconhecimento e de sua comunidade no cenário atual.

Visão geral da literatura chicana

Um ponto importante que pode ser observado na literatura dos chicanos consiste na heterogeneidade de suas produções e na abordagem de temas que são resultantes de suas experiências diversas, as quais englobam problemas identitários, sociopolíticos e culturais, o que, a propósito, torna difícil a classificação de um romance típico chicano. Trejo (2017) acrescenta que o que pode ser marcado como característica comum nessa literatura é a expressão do descontentamento geral e o sentimento de luta e proatividade dos chicanos em relação às situações injustas a que foram submetidos no território estadunidense.

É preciso pontuar que a formação da literatura chicana foi predominantemente perpassada pelos sentimentos de ansiedade em relação aos processos de assimilação/adaptação. A literatura chicana apresentou, desde o começo, um caráter contestador, expresso na luta pela abertura do cânone e pelos respectivos reconhecimento e inclusão de sua produção literária no cenário estadunidense. Mesmo havendo uma heterogeneidade de propostas, a representação desse grupo como uma unidade na linha de frente veio para obter suas reivindicações dentro desse panorama social (Argüelles, 2010). A escrita chicana encontrou, dessa maneira, resistência da sociedade estadunidense, que pregava a manutenção cultural homogênea da nação, e enxergava o desenvolvimento dessa literatura como uma ameaça aos ideais de unificação e estabilidade dos Estados Unidos.

Desse modo, no auge da efervescência do Movimento Chicano, a literatura chicana, como forma de busca pela sua luta sociopolítica, em termos gerais, foi ao encontro do discurso anti-assimilacionista, fortemente engajada com o nacionalismo

cultural chicano, posicionando-se veemente como um projeto opositor ao discurso de assimilação², com o objetivo de demonstrar que os mexicanos-americanos e sua não adequação ao *melting pot*³ eram mais do que provas do não funcionamento das políticas de assimilação. Com o desenrolar dos acontecimentos e sob as pressões das práticas sociais em que estavam envolvidos, porém, houve várias reconfigurações na visão dos chicanos em relação à teoria da assimilação ao longo das décadas que vieram, no intuito de se adequarem às novas realidades enfrentadas por eles.

Assim, nos anos oitenta, frente a um panorama multicultural ferrenho, no qual muitos cidadãos acreditaram na necessidade de voltarem à unificação de uma cultura nacional para se adaptarem às outras novas imigrações no território estadunidense e garantirem sua cidadania, houve também um retorno dos chicanos, de modo geral, às políticas de assimilação, e uma tentativa da literatura se engajar, de forma reconfigurada, com a assimilação.

Com o passar dos anos e após o estopim do seu movimento social, os próprios chicanos constataram que a abordagem cultural nacionalista e a imagem idealizada do chicano e sua comunidade não eram produtivas, uma vez que essas práticas não correspondiam à realidade em que se inseriam. Como ferramenta mediadora de voz sociocultural e política, a literatura passou a apresentar vários textos nos quais vigoravam ideias para a compreensão e formas de lidar com os processos assimilatórios.

O papel da literatura chicana tendeu, desse modo, a se afiliar cada vez mais às transformações culturais como um todo, adequando-se a uma adaptação e a um entendimento tido por muitos críticos teóricos da nação como heterogênea, com a crescente consciência de que, mesmo dividida internamente, o caminho consistia em ser capaz de manejar as diferenças e produzir representações culturais produtivas⁴. Cutler

²A sociologia da assimilação, surgida na década de vinte na Universidade de Chicago, promovia a americanização dos imigrantes e passou então a vigorar como paradigma da nação estadunidense nas próximas quatro décadas. Em um primeiro momento pré-movimento (anteriormente aos anos sessenta), o ambiente universitário foi reprodutor dessa ideologia da cultura nacional estadunidense; no entanto, como veremos posteriormente, as crescentes mudanças demográficas e políticas no cenário global fragmentaram o ensino superior de maneira diversificada, tornando-o inevitavelmente um nicho para a produção, compartilhamento e recepção de variados discursos provenientes de diferentes culturas (Cutler, 2015).

³O termo “*melting pot*” provém da ideia de um caldeirão onde os metais são derretidos em novas substâncias e daí ocorre a analogia com a concepção de assimilação das várias culturas que devem ser absorvidas na sociedade estadunidense dominante, a fim de constituírem uma nova “massa” cultural homogênea, assimilada por todos, segundo os ditames dos estadunidenses.

⁴Apesar da literatura chicana apresentar uma heterogeneidade/pluralidade de propostas, é importante mencionar que não se compactua aqui a concepção de literaturas chicanas e sim de “literatura chicana”, a qual mesmo incorporando uma diversidade de gêneros e temáticas, tem como objetivo em comum a luta pelo (re)conhecimento e (re)valorização desse grupo étnico na sociedade estadunidense.

(2015) afirma que muito do lirismo dos(as) autores(as) chicanos(as) pós-movimento trazem a concepção da adaptação como chave da sobrevivência, desafiando tanto as teorias da assimilação quanto as da antiassimilação. Esse seria o modo de promover o encontro entre as culturas mexicana e estadunidense, produzindo um objeto cultural novo, resultante da autenticidade desse grupo.

Quanto ao Movimento Chicano, dada sua dimensão, os registros históricos não conseguem precisar ao certo o fim da atividade política desse movimento; alguns pesquisadores consideram como seu fim o início, outros, o final da década de 1970, e ainda há os que defendem até mesmo que o Movimento esteja presente nos dias atuais. Os anos 1970, por seu turno, foram marcados pela emergência das narrativas contra-hegemônicas e etnográficas produzidas pelos acadêmicos chicanos no cenário estadunidense, frutos dos Estudos Culturais dos anos 1960, que tiveram como destaque na Inglaterra Stuart Hall e Raymond Williams, dentre outros; estudiosos estadunidense, frutos dos Estudos Culturais dos anos 1960, que tiveram como destaque na Inglaterra Stuart Hall e Raymond Williams, dentre outros; estudiosos provenientes de classes operárias, que trouxeram a cultura popular para a área acadêmica (Argüelles, 2010).

Torna-se imperativo sublinharmos que a escrita oficial do Movimento foi realizada na maior parte pelos homens; não houve a problematização da questão de gênero e sua relação com o nacionalismo e o machismo chicanos. Na realidade, muito da escrita das mulheres, quando existente, foi suprimida por representar e “denunciar” a experiência das mulheres e, dessa forma, contribuir para uma análise crítica sobre o caráter machista e homofóbico do Movimento. Entretanto, é necessário reafirmar a existência de precursoras literárias que contribuíram para a formação e a afirmação das mulheres chicanas no campo literário nas décadas que viriam.

A literatura das mulheres chicanas

Invisibilizadas primeiramente pela revolução de sua cultura, que apresentava um caráter masculino e dava prioridade aos artistas homens também na escrita (negando às chicanas sua autoafirmação e autenticidade), para que pudessem escrever, as escritoras chicanas tiveram, na passagem dos anos 1960 para os 1970, em um primeiro momento, que se submeter e incorporar a representação de papéis masculinos em seus textos, inserindo-se, assim, nas margens tanto da cultura branca dominante quanto nas do

Movimento Chicano. Quiñonez (2002) expõe que os homens chicanos, principalmente aqueles impelidos por uma forte ideia de nacionalismo cultural, acreditavam que as chicanas que aspirassem a qualquer liderança ativista e que, desse modo, saíssem da esfera doméstica, passavam a ser consideradas por eles as “iscas de Malinche”⁵, ou seja, traidoras de sua cultura e desafiadoras do machismo chicano.

O desenrolar dos acontecimentos histórico-culturais, apesar de tudo, propiciou uma abertura às questões de gênero ao longo do processo, que resvalou também na comunidade chicana, e, desse modo, as escritoras chicanas, que participaram às margens ou que foram excluídas do movimento social, foram encontrando sua voz e produzindo seu corpus literário, passando a desafiar os costumes literários tradicionais por meio de uma agenda política própria.

A literatura escrita pelas mulheres chicanas veio se firmando, então, e passando a trabalhar com o objetivo de produção de uma escrita de questionamento dos estereótipos sociais em torno delas em sua comunidade, representativa de suas vivências, e, desse modo, mediadora de voz do sujeito feminino, duplamente oprimido, pela sua cultura e pela cultura dominante. Assim, a busca pela identidade, refletida na literatura dos chicanos, não se deu somente na luta do homem chicano em busca da igualdade com o branco, mas da mulher chicana com sua própria comunidade e com a comunidade estadunidense, a fim de ser reconhecida. Os sujeitos femininos silenciados nas narrativas dominantes passaram a ter possibilidade de audibilidade por meio dessas autoras, que se propuseram a reinventar e a desconstruir, muitas vezes até radicalmente, os estereótipos femininos, apresentando novos papéis e modelos, que marcavam o lugar das mulheres chicanas e transcendiam os arquétipos baseados nas postulações do sistema patriarcal (Quiñonez, 2002).

As imagens romantizadas e idealizadas da cultura chicana contribuíram para levantar questionamentos acerca da fixidez de modelos e, diante disso, foi havendo uma diversificação dessas imagens no sentido de refletir o caráter dinâmico dessas identidades (chicanas) em constante deslocamento. Assim, o desejo de romper com uma visão totalizadora, muitas vezes pregada pela sua cultura, foi uma forma de resistência

⁵Malintzin Tenepal – ou La Malinche – foi uma princesa asteca, vendida como escrava para os espanhóis no século XVI. Tornou-se amante, tradutora e conselheira do conquistador espanhol Hernán Cortés, além de mãe do considerado primeiro mestizo. Considerada tanto mãe, de forma simbólica, quanto traidora do seu povo por ter “ajudado” no processo de conquista espanhola (como se tivesse vendido seus filhos, e, conseqüentemente, sua cultura para os espanhóis), também recebe a denominação de La Chingada (Moreira, 2011).

encontrada por essas escritoras e um meio de denunciar sua exclusão no discurso cultural dominante da sociedade: “Seus escritos mostram sua identidade descentrada que quer ser incluída e includente; em outras palavras, negam as imagens essencializadas e fixas de sua cultura, ao proporem o reconhecimento de suas diferenças” (Argüelles, 2010, p. 25)⁶.

É importante pontuarmos também que essas autoras chicanas trabalham em prol da representação do que foi considerado sujeito feminino do terceiro mundo⁷, que, apesar de sofrer uma inegável influência do feminismo do “primeiro mundo” e de muitas das vezes compartilharem o mesmo território, apresentam demandas diferentes das feministas dos países desenvolvidos. Essas escritoras partem desse lugar de representação e diferenciação do sujeito feminino chicano, na tentativa de sua afirmação na sociedade estadunidense dominante:

Escritoras chicanas, buscando coesão em seu grupo, a partir de uma perspectiva feminista, revisitam sua produção literária com o mexicano, não por meio de uma ruptura ou desenraizamento, mas por uma releitura de símbolos indígenas, de tradições populares e de valores. Em sua afirmação recorrem a diferentes temas e formas, criando um novo sentido de coletividade. (Argüelles, 2010, p. 29)⁸

A ênfase dessa literatura recai, então, na subjetividade das mulheres e nas diversas relações da mulher chicana na sociedade, incluindo a família, a sexualidade e a liberdade. Ficções com tom autobiográfico perfazem o testemunho da perspectiva dessas escritoras que transitam na contracorrente. Torna-se imprescindível ponderar também que essa literatura não foi e nem tem sido fácil de se firmar, sendo, pois, construída predominantemente por meio de lutas políticas e pela tentativa de autoafirmação dentro do território estadunidense. As obras literárias das escritoras chicanas são perpassadas pelas questões de classe, raça/etnia e gênero; esses fatores são responsáveis por construírem estratégias baseadas na semelhança e solidariedade entre esse grupo, que

⁶No original: “Sus escritos muestran su identidad descentrada que quiere ser incluída y incluyente; en otras palabras, niegan las imágenes esencializadas y fijas de su cultura al proponer el reconocimiento de sus diferencias”.

⁷De acordo com Irene Blea (1977), esse conceito “terceiro mundo” veio depois da Segunda Guerra Mundial, da qual os Estados Unidos emergiram como potência mundial internacionalmente, sendo as mulheres não brancas predominantemente provenientes dos países subdesenvolvidos. As Nações Unidas, contudo, demonstram preferência pelo termo “países em desenvolvimento”, mais utilizado na contemporaneidade.

⁸No original: “Escritoras chicanas, buscando cohesión en su grupo a partir de una perspectiva femenina, revisten su producción literária con lo mexicano, no a través de una ruptura o desarraigo, sino de una relectura de símbolos indígenas, de tradiciones populares y de valores. En su afirmación recurren a diferentes temas y formas, creando un nuevo sentido de colectividad”.

legitimam subliminarmente discursos de autorrepresentação e reconstrução dessas identidades que se encontram nas margens e que batalham por meio de uma oposição política e cultural à hegemonia estadunidense.

Apesar de, lá no início do Movimento, os chicanos terem se apropriado de símbolos e objetos homogêneos baseados em uma visão essencializadora, esse fato acabou contribuindo para construir e consolidar um imaginário cultural chicano, baseado na unidade e afirmação da cultura chicana. O crescente e ininterrupto engajamento político na escrita e no âmbito público levou a uma inimaginável explosão da literatura das mulheres chicanas nos anos 1980. O reconhecimento de seu espaço foi fruto do trabalho incansável de (re)negociação das escritoras com o Movimento Chicano.

Denominações como “mediadoras”, “juízas” e “intérpretes” são utilizadas para definir as escritoras chicanas desse primeiro momento, uma vez que elas conseguiram utilizar estratégias que traduziram suas condições de deslocamento e opressão vivenciadas em possibilidades de reconciliação com sua cultura, o que se tornou a base do seu discurso feminista. Suas experiências ligadas à sexualidade, violência familiar e injustiça social foram colocadas no papel, contribuindo, dessa maneira, para uma descentralização do discurso eurocêntrico e a consequente afirmação de diferentes tipos de identidades não estereotipadas. Ao lançarem mão dos aparatos literários da cultura dominante e subvertê-los em prol de si próprias para compreenderem sua própria cultura, as escritoras chicanas podem até mesmo serem comparadas a La Malinche pelo fato de incorporarem características como a interpretação, a adaptação e a resistência.

Podemos afirmar, assim, que para os(as) chicanos(as), a década de 1980 consolidou o que foi a passagem de uma produção artístico-literária centrada na literatura do Movimiento, a qual apresentava um caráter masculino e nacionalista, para uma literatura com uma visão mais fresca e descentralizada, firmada na desconstrução de uma visão totalizadora da cultura e identidades chicanas e aberta a novas formas de representação (diferenças regionais, de gênero e orientação sexual). Ou seja, uma nova compreensão do arranjo político contemporâneo (Torres, 2001).

A partir desse período, então, a produção literária chicana passou a obter uma certa autonomia, enraizada nos discursos que predominaram desde os anos 60, os quais auxiliaram na consolidação da cultura e literatura chicanas. Essa relativa autonomia que foi sendo adquirida foi também responsável pela posterior afirmação da experiência bicultural desses povos nos Estados Unidos.

Os escritores do pós-movimento, de forma geral, a fim de expandirem as barreiras da identidade chicana e como reflexo das várias práticas políticas realizadas, focaram em novas formas de escrita, algumas delas provenientes de uma “reformulação” das mais antigas, com forte cunho de engajamento político. Coleções de ensaios, contos, entrevistas, poesia e autobiografias marcaram a produção vasta das autoras chicanas como textos literários bem politizados. Antologias fizeram parte desse repertório, podendo ser comparadas às publicações produzidas pelos homens durante o Movimento Chicano. Os ensaios informais trabalharam muito, no sentido de revigorar e promover a reorientação da concepção e do funcionamento das fronteiras, da identidade cultural, passando a preencher o intervalo que ficou dessa literatura latina das mulheres. Podemos mencionar a obra “This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color” (“Esta Ponte Chamada Minhas Costas: Escritas das Mulheres de Cor Radicais”) (1981), de Cherríe Moraga e Gloria Anzaldúa, como representante de peso desses textos multigenéricos produzidos no considerado cenário pós-Movimento. Sobre esses ensaios da geração pós-movimento, Mendoza (2001) aponta que a natureza ao mesmo tempo imaginativa, fragmentária e intervencionista desses trabalhos, abertos às possibilidades de mudanças e caracterizados pela sua não previsibilidade, reafirmam as características da geração pós-movimento e seu engajamento político nessa época.

No tocante às autobiografias, “Loving in the War Years: lo que nunca pasó por los Lábios”, (“Amando em Tempos de Guerra: o que nunca passou pelos Lábios”) (1983), de Cherríe Moraga e “Borderlands/La Frontera” (“Fronteiras/A Fronteira”) (1999), de Gloria Anzaldúa, com a concepção da “New Mestiza” (“Nova Mestiça”), constituem representantes de obras que foram se consolidando como formas literárias politizadas muito comuns entre as chicanas também. Desse modo, esses textos, cumprindo a função atemporal da literatura, refletiram os discursos sociais e as novas demandas pós-Movimento que foram surgindo e se firmando ao longo do tempo. Nesse período, portanto, pôde ser observada uma crítica feminista, com um olhar voltado a assuntos mais relacionados às instâncias de poder, como o corpo, a família, a identidade e as fronteiras metafóricas, por meio dos quais as mulheres puderam se expressar melhor.

Assim, a escrita na era pós-movimento, tendo especialmente a identidade como assunto central, passou a cumprir uma função intervencionista, que apresenta como uma de suas propostas oferecer possibilidades alternativas para a identidade das mulheres chicanas, processando e se adequando às mudanças e discursos que têm

aflorado na contemporaneidade. Em um panorama no qual cada vez mais a cultura mexicana vem sendo latinizada nos Estados Unidos, os autores têm enxergado a importância de revisitarem e colocarem em discussão a questão não só da identidade cultural, mas do nacionalismo também. Desde os anos 1970, tanto o ensino quanto a produção da literatura chicana têm focado crescentemente na tessitura dos seus textos como formas de negociação, na tentativa de que essa escritura não reduza esses povos a uma história narrativa homogênea. As demandas em diversas esferas, como a geográfica e a estudantil, o aumento da produção literária diaspórica dos povos que vêm migrando para os Estados Unidos (principalmente os da América Central), paralelamente ao discurso anti-imigração e a xenofobia, têm contribuído para a construção de uma literatura que, ao mesmo tempo que responde ao discurso emergente do transnacionalismo, revisita suas raízes com olhos mais críticos.

A concepção de preservar os elementos positivos que ficaram do Movimento Chicano e do seu nacionalismo, como o direito à integridade desse grupo, a antiassimilação e a rebeldia, redefinindo-os com um novo olhar, vigora entre as escritoras chicanas, muitas das quais acreditam fortemente na criação de uma aliança coesa entre o tradicional e o revolucionário, o antigo e o contemporâneo. Como resultado, imaginam a criação de identidades que, ao incorporarem práticas culturais e linguísticas diversas, promovam a diluição das fronteiras, contribuindo para a reconstrução de um nacionalismo que abrace os novos imigrantes em suas diferenças de gênero, classe, etnia, dentre outras (Mendoza, 2001).

É preciso destacar aqui a releitura proposta pelos chicanos sobre eles próprios na contemporaneidade, a qual apresenta uma mudança de visão: anteriormente uma visão baseada no estereótipo do mexicano intelectual de elite consolidado no imaginário mexicano; “[...] representação essencializada da cultura chicana, representando o chicano como um ser atormentado e esquizoide, sem possibilidade de criar uma identidade cultural, e cujo epítome seria o pachuco” (Torres, 2001, p. 25), e, no recente momento, uma perspectiva que objetiva uma recontextualização e mantém paralelamente a busca à tradição latina e à sua realidade bilíngue e bicultural. Torres (2001) acrescenta que, dentre as estratégias dessa releitura, podemos citar a reescrita da história sob o ponto de vista do dominado, desconstruindo a visão homogeneizante da história oficial baseada nas narrativas hegemônicas. Assim sendo, podemos nos referir a Cherríe Moraga, que, ao propor em seu projeto feminista a construção de

“Queer Aztlán”, por exemplo, recorre à identidade indígena, (re)imaginando a nação como uma tribo que acolhe aqueles que foram marginalizados pelo Movimento Chicano em razão de suas diferenças e problemáticas.

Outros ensaios críticos escritos por autores chicanos na era contemporânea têm abordado também as questões sociopolíticas, de identidade e arte latinas, a metáfora da fronteira Estados Unidos-México como lócus de negociação econômica e cultural, com uma visão, muitas vezes, mais voltada ao multiculturalismo, em oposição à defesa de uma identidade étnica como a promovida por Moraga e outras escritoras feministas. Já a poesia das chicanas, com seu estilo bilíngue, ao descrever as experiências ordinárias das mulheres e sua vida nos centros urbanos, vai ao encontro das autoras que documentam as experiências compartilhadas e a resistência em seus textos.

Dessa maneira, o que podemos depreender é que, por meio das estratégias revisionistas das quais a literatura das mulheres chicanas faz uso, subvertendo e deslegitimando as narrativas mestras pela memória revisitada de outros grupos desprivilegiados, no caso, as mulheres, há a possibilidade de reivindicação dos direitos e da cidadania política e econômica desses grupos. Além disso, ao buscarem uma reconstrução e interpretação das relações de poder mais no sentido de (re) negociação, essas estratégias também contribuem para uma revisão da história dos chicanos, no intuito de proverem uma perspectiva sobre o que pode ser realizado no futuro. A delineação da produção literária é definida por Argüelles (2010, p. 21) como “[...] a interação estabelecida entre a arte chicana e a ação social, ao articular a identidade forjada entre as discontinuidades e as tensões econômicas, políticas, sociais e culturais que ocorrem na cultura chicana”⁹.

Dessa maneira, novamente enfatiza-se que os autodeslocamentos desses sujeitos são refletidos em sua produção literária, a partir dos seus posicionamentos múltiplos e de sua relação de diferença com a cultura dominante. O ativismo político, portanto, tem assumido formas variadas, traduzidas em pesquisas, tecnologia e na escrita. Muitos autores participam de organizações políticas e utilizam seus textos como instrumentos que contribuem estreitamente na produção de projetos sociais e políticos.

Quanto às escritoras chicanas, é imprescindível acrescentar que a releitura da

⁹No original: “[...] la interacción establecida entre el arte chicano y la acción social, al articular la identidad forjada entre las discontinuidades y las tensiones, económicas, políticas, sociales y culturales que discurren en la cultura chicana”.

história oficial realizada pelos seus textos também torna possível uma redefinição dos mitos e personagens precursoras que foram estigmatizados pelos discursos oficiais. Um dos grandes mitos que têm sido revisitados e revisionados pelas autoras chicanas é aquela da Virgem de Guadalupe, figura icônica da cultura mexicana. Por meio da transgressão de sua aura intocável e virginal, as escritoras têm trazido outras perspectivas que imprimem um caráter híbrido e de força na representação da Virgem para os chicanos. La Malinche também, considerada primeiramente como traidora de sua cultura mexicana, foi recuperada pelas chicanas como uma figura de mulher capaz de transitar entre duas fronteiras culturais, negociar e transcender os discursos impostos pela rigidez de suas tradições culturais.

A escritora chicana Lucha Corpi (2014), por exemplo, menciona esse novo olhar de desconstrução em torno de La Malinche e seu interesse em escrever sobre essa figura mítica sob uma perspectiva diferente da canônica. Corpi traz a visão de Malinche como uma mulher que desafiou os ditames tradicionais de sua época e discorre sobre a importância de revelar esse fato para sua cultura por meio da escrita. Na passagem sobre La Malinche, em seu livro *"Confessions of a Book Burner"* (2014), a autora relata que após pesquisar e constatar a escassez de livros e o pouco conhecimento da própria cultura sobre Malinche (que quando existente, diga-se de passagem, demonstra-se preconceituoso), ela finalmente consegue produzir um dos ápices de seus trabalhos, "The Marina poems" ("Os poemas de Marina"), nos quais ela revisita por meio da escrita o lado feminino, a força e o poder de Malinche para as mulheres chicanas.

Ao se referir às narrativas literárias chicanas, Argüelles (2010) reitera que, como resultado do processo migratório, longe de representarem figuras estereotipadas, elas, ao contrário, desempenham o papel de ressignificar as imagens e representações culturais da cultura mexicana-estadunidense em uma reconstrução constante e dinâmica, com o intuito de fazer com que essa cultura heterogênea seja incluída em um espaço de conhecimento ao mesmo tempo estético e ético. Essas narrativas literárias são capazes de contemplar o processo migratório e suas dificuldades enfrentadas, desde a desproteção do deslocamento físico entre os lugares de origem (México) e de destino (Estados Unidos), até a carga cultural e a experiência, que são transportadas concomitantemente com os migrantes. Desse modo, essa literatura funciona como uma ferramenta de agenciamento e descolonização dos discursos sociais e políticos cristalizados em uma estrutura de poder baseada na desigualdade. As narrativas passam

a ser, mais uma vez, instrumentos que possibilitam a (re)criação de identidades, tendo como pano de fundo um rico repertório cultural, histórico-político e testemunhal, a fim de construírem a autoafirmação dos(as) chicanos(as) frente à cultura dominante.

As mudanças das imagens da figura do migrante têm apresentado diferentes denominações, de acordo com a época, os motivos, as rotas de travessia e a diversidade das pessoas. Toda essa variedade constrói uma fábrica ou laboratório que dinamiza os processos migratórios nos quais se pode avistar uma recorrência de memórias e autobiografias desde o princípio do século XX até o movimento chicano dos anos setenta, para criar um caleidoscópio de textos literários e posturas até o final do século XX e princípio do XXI: itinerários de autores e críticos, mapas literários e históricos que vão tecendo as narrações literárias e de vida ao longo da saga relacionada com a migração entre México e Estados Unidos (Argüelles, 2010, p. 92)¹⁰.

A escrita, então, representa um modo de resistência para as chicanas (oprimidas duplamente pela cultura branca dominante e pelo discurso masculino chicano), no sentido de reivindicarem sua história por meio da sua produção cultural, “apropriando, transformando e reconfigurando o discurso dominante como seu próprio” (Quiñonez, 2002, p. 141), para que sejam assim possíveis a autoafirmação e a reconstrução de seu povo. Como assinalado por Grande (2018) em sua obra “A Dream Called Home” : “Somente por meio da minha escrita eu poderia me agarrar ao meu país nativo e impedi-lo de flutuar nas névoas da memória. Eu poderia reivindicar o México de uma forma que eu não podia na vida real” (Grande, 2018, p. 36)¹¹.

Duas estratégias, a apropriação e a ab-rogação são vistas nesse processo. A descentralização do inglês padrão na escrita de suas obras, por exemplo, assim como a não tradução do inglês e sua coexistência com o espanhol em um code-switching (mudança de código) configuram um ato político e uma estratégia de apropriação, muito utilizada por essas autoras. Em relação à língua, portanto, essa literatura nos oferece um mosaico de textos: a existência daqueles escritos somente em espanhol ou somente em

¹⁰No original: “Las mudanzas de las imágenes de la figura del migrante han tenido diferentes denominaciones de acuerdo con la época, los motivos, las rutas de cruce y la diversidad de las personas. Toda esta variedad construye una fábrica o laboratorio que dinamiza los procesos migratorios en los que se puede advertir un recorrido de memorias y autobiografías desde principios del siglo xx hasta el movimiento chicano en los años setenta, para crear un caleidoscopio de textos literarios y posturas hacia finales del siglo xx y principios del xxi: itinerarios de autores y críticos, mapas literarios e históricos que van tejiendo las narraciones literarias y de vida a lo largo de esta saga relacionada con la migración entre México y Estados Unidos”.

¹¹No original: “Only through my writing could I hold on to my native country and keep it from floating into the mists of my memory. I could claim Mexico in a way I couldn't in real life”.

inglês, e os que utilizam a alternância das duas línguas como um ato de reivindicação e de busca pela identidade das mulheres chicanas. Como sustentado por Rubío e Conesa (2015, s.p.):

Na literatura chicana escrita em inglês, o uso contínuo do espanhol e de uma sintaxe concreta produz um certo efeito. É inevitável que este tipo de literatura remeta às experiências da comunidade chicana e, no caso das obras escritas por mulheres, à experiência da mulher. Uma das características da literatura chicana escrita em inglês é a presença de palavras e frases espanholas no texto. O mais interessante, porém, é que se usam palavras inglesas modificadas para lhes dar uma estrutura espanhola.¹²

Já a ab-rogação se faz presente no que tange à descolonização do corpo, proveniente da descolonização da mente. As chicanas vêm derrubando diversos tabus trazidos pelas experiências de migração, escravidão, colonização e difamação social impostas tanto pela cultura branca dominante como por sua própria cultura machista, revogando o silêncio a que foram submetidas por longo tempo, principalmente em relação à sua sexualidade. A solidariedade e uma visão mais ampla de sua situação comparada a das outras mulheres de outras etnias demonstram uma maior consciência e expansão na agenda dessas mulheres na luta contra a hegemonia estadunidense (Quiñonez, 2002).

Os trabalhos de muitas dessas autoras chicanas também se encontram em uma zona de tensão entre a assimilação e a autenticidade: a negação da maternidade e do machismo, a saber, assuntos enraizados na tradição cultural da qual fazem parte, não deixa de ser uma forma de não assimilação (em relação à sua cultura), na concepção dessas escritoras. E quanto a isso, ao revogarem o papel maternal e o machismo de seu povo, elas acabam sendo julgadas pela sua cultura como “vendidas” ou malinches (traidoras da cultura mexicana), não se prestando ao papel de serem “autênticas” às suas tradições mexicanas, ou seja, reproduzirem-nas tais como são impostas pela sua cultura, além de consideradas americanizadas/assimiladas pela cultura estadunidense. Uma vez

¹²No original: “En la literatura chicana escrita en inglés, el continuo uso del español y de una sintaxis concreta produce un cierto efecto. Es inevitable que este tipo de literatura remita a las experiencias de la comunidad chicana y, en el caso de las obras escritas por mujeres, a la experiencia de la mujer. Una de las características de la literatura chicana escrita en inglés es la presencia de palabras y frases españolas en el texto. Lo más interesante, sin embargo, es que se usan palabras inglesas modificadas para darles una estructura española”.

Disponível em: https://www.um.es/tonosdigital/znum28/secciones/tintero-5--literatura_chicana.htm. Acesso em: 08 jul. 2021.

que essa escolha pelo individualismo está muito ligada à masculinidade, essa rejeição aos papéis tradicionais constitui para elas, então, um meio estratégico de agenciamento.

As mediadoras das vozes chicanas contemporâneas: Cisneros/Chávez, Corpi/Grande

Sandra Cisneros, Denise Chavéz, Lucha Corpi e Reyna Grande, autoras de interesse no presente trabalho, constituem representantes chicanas que, por meio de seus textos, propiciaram e propiciam o (re)conhecimento e a possibilidade de as mulheres da sua comunidade serem “ouvidas”.

Inicialmente pensado como um trabalho de escrita pessoal, é possível detectarmos características paralelas de “The House on Mango Street”, escrito por Sandra Cisneros, aos épicos clássicos da tradição literária ocidental. A obra, porém, reflete as vivências de Cisneros e, assim sendo, não deixa de reverberar seu engajamento político, o qual foi se tornando crescente mais para a metade da década de 1970, à medida que a consciência feminista da autora foi aflorando, evoluindo, e seu ativismo, por meio de conferências e textos, tomando corpo. Considerada “nem mulher e nem esposa de ninguém”, indo de encontro à sua cultura mexicana e fazendo uma crítica a alguns autores por não subverterem e permanecerem aliados aos entraves da tradição cultural e do viés patriarcal do Movimento Chicano, Cisneros passou a desafiar os papéis tradicionais das mulheres em sua escrita.

“The House on Mango Street” (1984) demonstra a dificuldade das mulheres (por meio da personagem principal, Esperanza, e das outras personagens do enredo) em lutarem pelos seus direitos e obterem voz (Calderón, 2004). O fato de a protagonista Esperanza desejar abandonar seu bairro e comunidade em busca de melhores condições de vida, acreditando que a escrita seja sua válvula de escape e uma forma de autoafirmação, evolução, além de mediadora de ganho de voz da sua comunidade, retrata a urgência das mulheres chicanas em obter um espaço privado. Esse individualismo presente na subjetividade lírica de Cisneros, na visão de Cutler (2015), além de ir contra o discurso tradicional da cultura chicana, que reafirma o papel submisso das mulheres ao lar e ao casamento, também se opõe aos ditames das representações sociológicas que teorizam sobre o papel das mulheres pobres latinas, negras e outras em perpetuar a pobreza.

Sobre essa questão, comungamos com a concepção de Cutler (2015), uma vez que compreendemos que, como ocorreu com a escritora Sandra Cisneros, de origem pobre, que conseguiu desafiar a cultura da pobreza, o abandono da sua comunidade em busca de uma educação superior não significa que Esperanza esteja sendo americanizada/assimilada pela cultura dominante, mas sim a possibilidade de abandono da pobreza, de evolução pessoal e a oportunidade de ela dar audibilidade aos silenciados da sua comunidade, que não têm a mesma oportunidade e acesso à educação.

Outros trabalhos de Cisneros refletem, da mesma forma, as fases pelas quais as mulheres da comunidade chicana estavam passando, que vão, dentre os muitos, desde “My Wicked Wicked Ways” (1987), uma coleção de poemas, que foram uma expressão pessoal do amadurecimento intelectual e consciência política da escritora até “Woman Hollering Creek” (1991), histórias que apresentam um contexto diferente, proveniente do pós-Movimento e feminismo chicano. Esta última obra mencionada, já apresentando uma consolidação da consciência feminista de Cisneros e focando no duplo da cultura mexicana, nas tradições culturais populares, no binacionalismo e na porosidade da fronteira, demonstra a dificuldade das mulheres nos ambientes urbanos e rurais e expressa uma tentativa de a autora negociar a identidade e a ambiguidade dos dois mundos que perpassam os(as) chicanos(as).

Interessante pontuarmos que as histórias escritas por Cisneros, com o avanço do tempo, vêm evidenciando e reiterando cada vez mais o modelo de readaptação cultural, a reavaliação dos costumes e valores que estão sendo vivenciados nas comunidades mexicanas-estadunidenses nos Estados Unidos, em tempos em que está havendo a constatação dos chicanos sobre a necessidade de preservarem suas raízes e tradições mexicanas, porém sem deixarem de incorporar a vida prática da cultura estadunidense.

Contemporânea de Cisneros, Denise Chávez também faz parte desse grupo de autoras chicanas que escrevem sobre as mulheres de sua comunidade e suas experiências, no papel de mediadora da fala das chicanas e de contribuidora do agenciamento delas perante a sociedade dominante. “The Last of the Menu Girls” (1985) foi escrita por Chávez um ano depois de “The House on Mango Street” (1984). Por meio da protagonista Rocío, Chávez aborda assuntos como identidade, machismo, casamento, racismo, maternidade e outros. O romance narra a busca pela identidade da personagem principal, desde sua infância até a maturidade e a crença de que somente por meio da escrita e de uma educação superior Rocío (assim como Esperanza), será capaz de contar

a sua história e obter seu (re)conhecimento e da comunidade chicana da qual faz parte.

É importante mencionarmos que esses romances reiteram o propósito inicial de testemunho, denúncia social e engajamento político da literatura das mulheres chicanas, porém, eles já fazem parte do grupo de obras literárias chicanas preocupadas com a dimensão mais estética, não só documental e estritamente política dessa literatura, como no início do movimento social. São romances que apresentam linguagem poética e que integram, assim, o compósito do que pode ser considerado como arte e literatura chicanas (Campbell, 1990). As vinhetas em “The House on Mango Street” são tecidas por uma linguagem poética, que, de acordo com autores como Cutler (2015) apresentam um lirismo que pode ser considerado como a voz poética de Cisneros.

Os textos de Lucha Corpi, por sua vez, escritora proveniente dessa geração dos anos 1970/1980, também focam na representação das mulheres, na questão identitária, na denúncia ao racismo e na luta/situação dos(as) mexicanos(as) imigrantes pobres nos Estados Unidos. A linguagem poética constitui o ponto forte de sua escrita, na qual ela aborda temas como a morte, os sentimentos pessoais, o papel das mulheres na comunidade chicana, muitas vezes resgatando mitos e o folclore de sua cultura. Por meio da ficção detetivesca, Corpi também denuncia a situação dos mexicanos-estadunidenses, com suas histórias contextualizadas em vários períodos do movimento pelos direitos civis dos chicanos. Em sua autobiografia, “Confessions of a Book Burner”, publicada recentemente em 2014, a escritora conta passagens de sua vida, enfatizando o papel crucial da leitura e da escrita no seu caminho e no da sua comunidade ao longo da história.

Seguindo a mesma linhagem contemporânea, Reyna Grande, por meio das suas memórias na recente obra “A Dream Called Home” (2018), delinea sua árdua trajetória, de imigrante mexicana à escritora, rumo à autoafirmação na sociedade estadunidense, destacando também a relevância da escrita como crucial para seu reconhecimento perante sua comunidade e a comunidade estadunidense:

Nas aulas de literatura chicana e espanhol, eu fiz um monte de amigos latinos [...]. Diana havia me apresentado aos trabalhos de Helena María Viramontes, Sandra Cisneros e Isabel Allende. Nas aulas de Marta, eu fui exposta a ainda mais escritoras latinas, e eu me apaixonei pelas escritoras feministas raízes que me inspiraram a continuar lutando pelas minhas histórias: Ana Castillo, Alicia Gaspar de Alba, Cherríe Moraga, e muitas mais. Por meio das palavras delas, eu as ouvia me dizer, “Sim, suas histórias importam!”. (Grande, 2018, p. 97, grifos)

da autora)¹³

Essas duas últimas obras, de Corpi e Grande, mais atuais, fazem parte dos textos que, vinculados diretamente às experiências das autoras, possibilitam uma crítica ao status quo e um modo de autorização para “dizer”, muito característico da literatura escrita pelas chicanas na atualidade. Em uma das passagens de suas memórias, Grande reafirma também como a escrita sobre a história de um povo é inspiradora e pode levá-los a lutar ainda mais pelas suas causas:

Um escritor mudava vidas e dizia a seus leitores, Você não está sozinho. Tenha coragem. Naquele momento, eu me tornei ainda mais compromissada com minha escrita e compreendi o poder da contação de história que a mim foi dado. (Grande, 2018, p. 128, grifos da autora)¹⁴

Por meio do relato de suas próprias histórias e experiências, essas escritoras retratam as questões de gênero, sexualidade, raça/etnia e classe que perpassam as mulheres chicanas na sociedade dominante, demonstrando que não há possibilidade de separação dessas questões na realidade e recusando, ao mesmo tempo, por meio de seus próprios exemplos, a limitarem as mulheres às esferas cristalizadas dos códigos rígidos de conduta sexual e da família tradicional mexicana. Essas duas últimas autoras também incorporam mais ostensivamente e reafirmam a crença das personagens das duas ficções autobiográficas do século XX, de Cisneros e Chávez, de que a escrita constitui um instrumento-chave para a agência de novos sujeitos; um espaço simbólico de significação, a partir do qual as chicanas têm a oportunidade de serem (re)conhecidas e falarem pelo seu povo. Assim, Grande e Corpi realizam e reiteram, nos dias atuais, as aspirações das protagonistas de Cisneros e Chávez quanto ao papel da escrita, ou seja, da literatura das mulheres chicanas como possibilitadora de audibilidade a elas tanto frente à sua comunidade quanto à comunidade estadunidense.

Nessas duas obras mais contemporâneas, podemos confirmar, da mesma forma, a preocupação da literatura das mulheres chicanas não só com o discurso político, mas

¹³No original: “In Marta's Chicano literature and Spanish classes, I made a lot of Latino friends [...] Diana had introduced me to the works of Helena María Viramontes, Sandra Cisneros and Isabel Allende. In Marta's class, I was exposed to even more Latina writers, and I fell in love with hard-core feminist writers who inspired me to keep Fighting for my stories: Ana Castillo, Alicia Gaspar de Alba, Cherríe Moraga, and many more. Through their words, I would hear them tell me, ‘Yes, your stories matter!’”

¹⁴No original: “A writer changed lives and told her readers, You're not alone. Have courage. At that moment, I became even more committed to my writing and understood the power of storytelling that I had been given”.

com sua literariedade, que pode ser vista refletida nestes textos em que as escritoras prezam pelo trabalho com a linguagem e pelo detalhamento das narrativas em si mesmas, herdando, assim, também, a proposta da escrita das autoras precursoras do século XX.

Enfim, leituras sobre esse tom poético nas obras de nossa investigação ratificam a presença dos elementos literários em suas tessituras; o que é confirmado até mesmo pelas referidas escritoras do século XX; como exemplo, Chávez, na introdução de sua obra: “[...] Eu estou feliz com essas vinhetas honestamente emocionais que são cenas em uma progressão dramática que termina com o vizinho faz-tudo, Regino Suárez, partindo o pão como um padre faria, apesar de ser com chile verde” (Chávez, 2004, p. 14)¹⁵.

Quanto a isso, alguns autores consideram que as obras literárias têm perdido o ativismo e a pureza política provenientes da proposta do Movimento Chicano; muitos, porém, enxergam o fato de a literatura chicana ter se tornado menos militante e mais “literária” como uma evolução, o que faz aproximá-la mais ainda do que é considerado “verdadeiramente universal” (Cutler, 2015). Barbosa-Carter (2000, *apud* Bigalondo; Unibertsitatea, 2007-8) enfatiza que a literatura escrita pelas chicanas se caracteriza não só por um ato de reivindicação de ganho de voz, mas também por um importante desenvolvimento de conteúdo literário, de exploração de suas raízes indígenas, da cultura mexicana e outras temáticas, as quais propiciam um novo olhar; um novo significado político e social dessa literatura.

Considerações finais

É inegável, assim, que a consolidação da literatura escrita pelas mulheres chicanas nos séculos XX e XXI proporcionou uma melhor compreensão sobre as relações dessas mulheres em suas comunidades, e consequentemente levou melhores oportunidades de vida para elas.

Por seu lado, os novos arranjos sociopolíticos do século XXI, caracterizados pela sociedade globalizada, pelo predomínio tecnológico e a consequente desumanização, vêm modificando o panorama social e apresentando novas formas de opressão e práticas discriminatórias, as quais também exigem novas concepções e novas formas de a

¹⁵No original: “[...] I am happy with these honestly emotional vignettes which are scenes in a dramatic progression that ends with neighborhood handyman, Regino Suárez, breaking bread as a priest would, albeit with green chile”.

literatura se arranjar para lidar com essas situações mais latentes de marginalização. O grande desafio para as escritoras chicanas no mundo pós-moderno, então, consiste em manter os laços construídos entre a produção cultural e o ativismo social das escritoras do primeiro momento, intérpretes de sua cultura. É possível afirmar que essas escritoras afins do século XXI têm conseguido manter vivas essas questões de luta pela sua autoafirmação que foram levantadas, propostas e discutidas pelas autoras do século XX, reafirmando e tentando enfatizar e descrever uma nova relação centro/periferia na sua comunidade por meio de um dinamismo da identidade chicana.

Outra questão que merece ser comentada é que com a substancial e crescente presença dos latinos nos Estados Unidos e a relação dos estudos latinos e chicanos, com a tendência de muitas vezes serem vistos como um só, muitos estudiosos se questionam sobre como definir a literatura chicana na atualidade. Muitos consideram ter havido uma invasão/apropriação dos latinos de um espaço que foi conquistado pelos chicanos. De acordo com Cutler (2015), na realidade, isso demonstra como a busca pela antiassimilação é complexa, uma vez que a literatura chicana, ao longo do processo, não pode mais ser definida somente como uma literatura de manutenção e autenticidade, mas de constante construção, dinamismo e negociações culturais. Mais uma vez, portanto, a necessidade de a criatividade e o ativismo das autoras chicanas (como um grupo que reivindica seus valores por meio de suas narrativas identitárias) permanecerem a florados e reinventados, até mesmo abertos à cultura dominante, para que haja dialogismo e autoafirmação em um cenário caracterizado cada vez mais pela fragmentação do que pela uniformidade na era contemporânea.

De acordo com Aldama e Quiñonez (2002), em pleno século XXI, o discurso da cultura chicana, cada vez mais como produto das colisões, hibridismos e mestiçagens desse povo, ainda é pautado na tentativa de eles ganharem espaço e subverterem as narrativas oficiais baseadas no patriarcalismo e no cânone europeu. Essas vozes que irrompem neste século XXI clamam pelo seu lugar e espaço por meio da desconstrução e reinvenção das suas multiplicidades identitárias, indicando novos caminhos que têm sinalizado a crescente resistência dessa cultura aos variados tipos de opressão a que ela tem sido submetida. Para os chicanos, as ansiedades desse novo milênio incrivelmente ainda se situam na promessa não realizada, desde o Tratado de Guadalupe-Hidalgo (1848), de reconhecê-los como cidadãos, no sentido completo da palavra. Além dessa promessa não cumprida, a violência sofrida pelos mexicanos na fronteira, devido aos

discursos de alteridade cristalizados pelos Estados Unidos, é algo preocupante e que deve ser denunciado como prática de abuso e injustiça em relação a esse povo.

A fronteira, mesmo quando aberta aos mexicanos, adota um discurso de inferioridade para se referir a eles. Os denominados “transfrontier writers” (“escritores transfronteiriços”) têm manifestado em sua escrita a complexidade dos acontecimentos nas zonas de contato Estados Unidos/México, a fim de que haja uma maior compreensão do que ocorre na vida dos mexicanos e chicanos que vivem sob essas condições fronteiriças na contemporaneidade. No caso das escritoras chicanas, conforme explanado por Rubío e Conesa (2015, s.p.): “Se a fronteira é o limite ou margem, as mulheres chicanas são duplamente marginais por serem chicanas e por serem mulheres, e escrevem a partir dessas margens com a intenção de ultrapassar as fronteiras de classe, raça e gênero”¹⁶. Reyna Grande (2018) expõe a lembrança de sua conversa com o pai sobre a travessia da fronteira e a reação dele, argumentando que ela deveria esquecer esse dia. A escritora se recusa a esquecer, demonstrando a importância de escrever para aliviar esse trauma e ultrapassar as outras fronteiras que a assombravam: “somente pela compreensão e aceitação da vida que eu havia vivido eu poderia livrar a mim mesma do trauma que ainda me assombrava e me mantinha prisioneira. Isso era o que eu precisava para retornar à minha escrita” (Grande, 2018, p. 201)¹⁷.

Enfim, apesar dos ganhos trazidos pela literatura e pelos estudos chicanos, com seu estabelecimento nos departamentos de algumas universidades estadunidenses e o crescente aumento desses estudos de forma interdisciplinar, voltados também para outros fatores como o gênero e a sexualidade, infelizmente ainda existem muitas práticas negativas em torno dessa população no território estadunidense, que se estendem desde sua marginalização econômica nos serviços públicos e afins, até a adoção da violência impune contra eles e a inferiorização da sua cultura e arte. Esse tratamento a que são relegados acaba por fortalecer mais a visão de mundo acerca de muitos deles como os “outros”, como sujeitos subalternos na sociedade. A relevância de analisarmos e compreendermos como os corpos chicanos são considerados “outros”, racializados e generificados pelos discursos dominantes e seu processo de resistência à objetificação, por meio de atos como a escrita, são fundamentais para que haja conscientização e a

¹⁶No original: “Si la frontera es límite o margen, las mujeres chicanas son doblemente marginales por ser chicanas y por ser mujeres, y escriben desde esos márgenes con la intención de traspasar las fronteras de clase, raza y género”.

¹⁷No original: “Only by understanding and accepting the life I had lived could I free myself from the trauma that still haunted me and kept me prisoner. This is what I needed to return to my writing”.

possibilidade de ação sobre a realidade que os perpassa.

Referências

ALDAMA, Frederick Luis; QUIÑONEZ, Ben V. **Decolonial Voices: Chicana and Chicano Cultural Studies in the 21st Century**. Indiana: Indiana University Press. 2002.

ARGÜELLES, E. L. G. Visión Feminista de las escritoras chicanas, una propuesta literaria a partir de la diferencia. In: ARGÜELLES, E. L. G. **Mujeres que cruzan fronteras: um estudo sobre literatura chicana feminina**. Zacatecas: Universidade Autônoma de Zacatecas, 2010. p. 19-43.

BIGALONDO, A.I. UNIBERTSITATEA, E.H. How To Be a Chicana Role Model, Or How To Be a 21st Century Chicana. **ES 28**, p. 97-106, 2007-8.

BLEA, I. I. **U.S. Chicanas and Latinas within a global context: women of color at the Fourth World Women Conference**. Praeger Publishers, 1997.

CALDERÓN, Héctor. **Narratives of Greater Mexico: Essays on Chicano Literary History, Genre, and Borders**. Austin: University of Texas Press, 2004.

CAMPBELL, F. Las Sisters. In: GONZÁLEZ, A.L. et al. **Mujer y literatura mexicana y chicana: culturas en contacto**. El Colegio de Mexico, 1988, p. 213-17.

CISNEROS, Sandra. **The House on Mango Street**. New York: Vintage Books, 1984.

CISNEROS, Sandra. **My Wicked Wicked Ways**. New York: Vintage, 1987.

CISNEROS, Sandra. **Woman Hollering Creek and Other Stories**. New York: Vintage, 1991.

CORPI, Lucha. **Confessions of a Book Burner: Personal Essays and Stories**. Houston: Arte Público Press, 2014.

CUTLER, John Alba. **Ends of Assimilation: The Formation of Chicano Literature**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

GRANDE, Reyna. **A Dream Called Home: A Memoir**. New York: Atria Books, 2018.

MENDOZA, L.G. **Historia**. The Literary Making of Chicana & Chicano History. Texas A & M University Press College Station, 2001.

MOREIRA, Efigênia. La Malinche: entre o mito e a história. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-29, jan./abr. 2011.

QUIÑONEZ, N.H. Re (Riting) the Chicana Postcolonial: from traitor to 21st Century Interpreter. In: ALDAMA, A. J. (Ed.), QUIÑONEZ, N. (Ed.). **Decolonial Voices, Chicana**

and Chicano Cultural Voices in the 21st Century. Indianapolis: Indiana University Press. 2002: 129-152.

RUBIO, A.; CONESA, I. . La Literatura Chicana Actual em Los Estados Unidos. **Revista de Estudios Filológicos.** n. 28. jan. 2015. Disponível em https://www.um.es/tonosdigital/znum28/secciones/tintero-5--literatura_chicana.htm. Acesso em: 08 jul. 2021.

TORRES, S. **Nosotros in USA.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

TREJO, Arnulfo. D. As we see ourselves in Chicano Literature. *In: AVENDAÑO, F., et al. The Chicanos: as we see ourselves.* University of Arizona Press, 1979, p. 187-212.

Data de submissão: 23/05/2025

Data de aceite: 04/09/2025